

tópicos; a escala da crítica literária ou da crítica de arte, de quem lê ou relê uma obra ou um autor como se o tempo da escrita e da leitura fosse diferente do tempo do tempo (Shakespeare, Goethe, Armando Silva Carvalho, Maria Gabriela Llansol, Ana Luísa Amaral, Walter Benjamin, Theodor Adorno, Pascal Quignard, Gottfried Benn, Franz Kafka, Rainer Maria Rilke, Edmund White, Mark Rothko, Ilda David, Lourdes Castro, Rui Chafes, Balthus); e a escala do pequeno ensaio, de quem experimenta ler mais e escrever mais no intuito de abrir um caminho de prazer no texto que reconduza o sujeito ao acontecimento como «súbita singularidade que se [lhe] oferece ao olhar» (p. 7).

De certo modo, é a consciência das diferentes escalas da escrita e da publicação da escrita que *A Escala do Meu Mundo* nos permite experimentar na leitura. Tanto como a da escala do mundo do sujeito, dos seus olhares e interesses, aquilo que se torna visível é o acto recorrente de deambular no meio da escrita. O acto de, a partir da página em branco, fazê-la responder à leitura, retroalimentando-a de uma infinidade de outros textos (livros, jornais, revistas), e da topicalidade com que a atenção do escritor reconverte a leitura em escrita, reordenando as marcas do real no fluxo temporal da escrita como produção do dia a dia página a página. Nisso, é como recapitular a experiência inicial da aprendizagem da escrita e da redacção enquanto possibilidade escrita de mundo: «Para mim, a ardósia não

era naturalmente diorito, nem sequer ardósia, e nenhuma escrita vivia nela mais que o tempo de uma aula. (...) A ardósia chamava-se simplesmente pedra. Dura como o esforço de a marcar com o lápis (que, evidentemente, se chamava «lápis de pedra») para gerar formas e, a certa altura, os primeiros mundos da imaginação moldados na escrita a partir do barro de vivências que se transfiguravam já ao tocar o fundo negro da pedra.» (p. 17).

Manuel Portela

**TEMPO PARA ENTENDER. HISTÓRIA
COMPARADA DA LITERATURA
PORTUGUESA**

HÉLIO ALVES

Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2006

Tempo para Entender reúne nove estudos, entre os quais quatro inéditos, de Hélio J. S. Alves, docente da Universidade de Évora, que conquistou já o seu campo nos estudos literários portugueses, nomeadamente com o estudo *Camões, Corte-Real e o Sistema da Epopeia Quinhentista* (Coimbra, 2001).

O livro apresenta-se dividido em cinco partes, sublinhando uma sequência de argumentação que dá unidade aos ensaios apresentados e os articula logicamente, dentro das múltiplas sugestões abertas pela ambiguidade do título. Ao mesmo tempo, é constante no texto a presença apaixonada do autor, que vai guiando o leitor entre a espe-

culação e a crítica literária, e revela com oportunidade um caudal informativo que impressiona até o leitor que não se deixe convencer inteiramente pela argumentação expendida ou pelas opiniões e escolhas formuladas.

Uma primeira parte, sob o título geral «História literária», apresenta, além da fundamentação teórica e metodológica que norteia o trabalho de Hélio Alves, as suas intenções. As quatro partes seguintes agrupam estudos sobre vários autores, distribuídos pelo período literário que, na perspectiva defendida, lhes corresponde. Assinalados por uma leitura atenta e pessoal dos autores e das suas épocas literárias, assumem um voluntário carácter paradigmático. Assim, Gil Vicente e Bernardim Ribeiro encontram o seu lugar no «Fim do medievo», Cataldo Sículo e Damião de Góis no «Renascimento», onde também é analisada a relação «Petrarca e a figura do poeta em Portugal». A «Modernidade» é ilustrada por Vasco Mouzinho de Quevedo, poeta da predilecção do autor, e, finalmente, em «Revoluções» encontram-se Camilo e António Nobre, a quem o autor dedica uma leitura perspicaz e bem reveladora da posição inquieta que o norteia.

Com *Tempo para Entender*, Hélio Alves define e afirma o projecto de investigação que tem vindo a desenvolver, e que passa pela questionação dos modelos tradicionais da história literária, dos critérios de estabelecimento e composição do cânone da literatura portuguesa. A intenção, explícita, é

constituir «uma história ao serviço da literatura», uma história literária que redefina e ao mesmo tempo ajuíze o processo de canonização das obras já consagradas.

Para isso, anuncia desde logo que operará algumas substituições conceptuais e metodológicas relativamente à história literária tradicional, uma vez que pretende redesenhar o traçado da história da literatura portuguesa a partir de um critério mais definível e objectivo do que o de valia estética, que entende não ser susceptível duma «percepção histórica efectiva». Encontra esse critério na eloquência, que define como sendo «o conjunto de procedimentos discursivos realizados pelos escritores para produzirem imagens mais ou menos duradouras das suas obras e de si mesmos nelas». Mas, se esta opção lhe permite cercar a margem de subjectividade forçosamente inerente a qualquer juízo sobre as obras que analisa, também, por outro lado, a periodização literária proposta funda-se numa concepção redutora da literatura, que, ao proclamar a sua autonomia, desvaloriza o diálogo com outras artes e a história cultural e das mentalidades.

Sobre o estudo dos autores apontados, e dos outros que vão surgindo oportunamente, e sobre todo o traçado da história literária portuguesa, Hélio Alves sente ainda pairar, como ameaça constante ao rigor de análise e valoração literária, a sombra de Camões. É esta sombra que Hélio Alves procura examinar e, de certa forma, esconjurar,

certo de que ela se infiltrou em toda a tradição da história literária portuguesa e que, ora de uma forma implícita, ora explícita, impôs os juízos críticos em que se fundamenta o cânone da literatura portuguesa.

Como consequência natural de sua perspectiva, propõe a reconfiguração do cânone, numa tentativa de recuperar os sentidos que o texto dita, de interpretar e valorizar sentidos possíveis apenas num «país sem pátria», na expressão de Ruy Belo, e em que Camões não seja o centro de toda uma construção patrioticamente orientada.

O leitor poderá encontrar pontos menos claros, ou até de interpretação contestável, na argumentação e na fundamentação de Hélio Alves, escondidos num discurso impositivo que, talvez mercê da força das convicções do autor, nem sempre toma em consideração o contra-argumento. Poderá continuar convencido de que a cultura portuguesa não é uma «misteriosa entidade», ou que os meandros complexos de uma personalidade, as suas dúvidas e contradições não impedem a unidade intrínseca de uma obra e de um autor. Poderá até interrogar a pertinência do critério estabelecido nesta perspectiva comparatística da literatura portuguesa, quando considerar o conjunto de autores e obras proposto para integrar ou abandonar o cânone. Mas, mesmo assim, este leitor não deixará de reconhecer que cada estudo vale por si e pelo desafio que lança, pela intuição e pela argúcia de um crítico muito bem informado,

que não se conforma com os quadros da tradição estabelecida e com a repetição mecânica dos lugares-comuns.

Maria do Céu Fraga

ESTAR ENTRE

GABRIEL MAGALHÃES

Salamanca, Celya, 2007

Sob este título para o qual o próprio autor começa por chamar a atenção chamando-lhe «porventura enigmático», reúne Gabriel Magalhães um conjunto de ensaios, que mostram «o fundamental de quase dez anos de investigação», de que exclui a tese de doutoramento, — *Garrett e Rivas: o romantismo em Espanha e Portugal* — que está a ponto de aparecer em publicação independente.

Em nota de abertura, pois, explica o autor a organização do livro, as circunstâncias dos textos que o compõem e até o «enigmático» do título, explicações que, por agora, apenas me limito a parafrasear. O livro divide-se em duas partes, correspondentes a dois eixos de trabalho: um, o estudo das relações entre Portugal e Espanha, a que chama «Espelhos Ibéricos»; outro, os «encantamentos» por textos da literatura portuguesa, «fascínios literários». Tendo vivido e estudado nos dois países, Gabriel Magalhães auto-apresenta-se como «um centauro ibérico»: mas, cuidado, «um centauro ibérico português», que afirma a «inexplicável convicção da sua lusitana nacionalidade». Estaria